



A NEGAÇÃO EM KAINGANG: PERSPECTIVAS ESTRUTURAIS E TEÓRICAS

Leticia Gabriele Zilli Mestranda em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: leticia.gabriele@uel.br

Marcelo Silveira Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: celosilveira@uel.br

RESUMO

O presente artigo funda-se a partir de teóricos do Funcionalismo, como Payne e Givón, com base em seus estudos sobre a negação. Partindo disso, o trabalho visa estudar a expressão da negação na língua Kaingang falada no Apucarantina (Tamarana-PR), em contraste com a Língua Portuguesa, com o objetivo de ajudar pontualmente na elaboração de uma gramática pedagógica para a língua Kaingang. Essa gramática pedagógica tem a intenção de auxiliar o professor indígena em suas aulas e também contribuir para a formação dos alunos indígenas que não possuem um material adequado para seus estudos, visto que não há materiais pedagógicos suficientes para uso em sala de aula. Listamos orações com palavras com sentido negativo, bem como também com alguns verbos de sentido negativo.

Palavras-chave: Gramática pedagógica; indígenas; kaingang; negação.



Trilhas está licenciada sob a licença **Creative Commons Attribution 4.0 International License**.

INTRODUÇÃO

Até pouco tempo atrás a expressão **linguística indígena** não era comumente vista e apropriada, pelo fato de poucas pesquisas existirem neste meio. Atualmente, as pesquisas têm ocupado mais espaço e ganhado mais visibilidade e importância, ainda que a intenção do pesquisador seja somente para pôr à prova teorias linguísticas.

Este trabalho tem como tema a expressão da negação da Língua Kaingang falada na Terra Indígena (TI) Apucarantina, no estado do Paraná. Os Kaingang estão entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil, pertencem à família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê e também apresentam diferentes dialetos, presentes no estado de São Paulo e nos estados do sul do Brasil.

Entre os linguistas e estudiosos da língua, a negação é um assunto relevante e muito significativo no cotidiano dos indivíduos e é abordado de formas variadas, conforme as linhas teóricas que refletem sobre ele.

A negação é abordada por Payne (1997) e Givón (2001), dividindo-a em partículas negativas e tipos de negação existentes, exemplificando-os em diferentes orações.

As pesquisas em línguas indígenas têm aumentado no Brasil, mas ainda são pouco numerosas, e isso afeta muito as populações, visto faltarem materiais para estudos e materiais didáticos, o que prejudica os professores e alunos indígenas, que acabam sofrendo por terem pouco material didático em sala de aula, isso apenas falando em questões linguísticas e educacionais. Por ser um dos estudos que precisam estar em uma gramática para ser usada em sala de aula e por não haver estudos específicos em língua Kaingang sobre o tema, entendemos como relevante uma descrição da expressão da negação nessa língua; os estudos que mencionam esse tema não tratam especificamente dele, mas terão seu



lugar neste trabalho, visto que contribuem para as análises.

O trabalho foi dividido em quatro partes, sendo a primeira a Introdução, que apresenta o assunto e fala resumidamente de todas as partes deste trabalho; essa seção é onde este texto se faz presente. A segunda parte trata do Material e dos Métodos, local onde descrevemos o tipo de pesquisa, suas etapas, a coleta de dados e o próprio **corpus** da pesquisa. A terceira parte versa sobre o Resultado da pesquisa, juntamente com a análise e a discussão dos dados com base na literatura consultada. A última parte são as considerações finais feitas sobre esta pesquisa, feitas com base na descrição dos dados e nos resultados a que chegamos; ela vem seguida das referências utilizadas.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva, em que o objeto da descrição é a expressão da negação na língua Kaingang (família Jê, Tronco Macro-Jê). O trabalho tem como objetivo principal descrever como a negação da Língua Portuguesa se realiza na língua Kaingang da Terra Indígena Apucarantina. No início, contamos com um levantamento bibliográfico de teóricos funcionalistas, do qual fazem parte Thomas Payne (1997) e Talmy Givón (2001); essa corrente teórica foi a base deste trabalho, por apresentar ferramentas que nos permitiram a descrição dos elementos pesquisados, bem como porque se importa com a expressão da linguagem seja em sua forma escrita, seja em sua forma oral.

Dessa forma, após o levantamento bibliográfico, fizemos a coleta de dados para a análise. Entendemos que a melhor forma de fazer essa coleta era realizar uma pesquisa de campo **in loco**, na Terra Indígena Apucarantina, registrando algumas situações reais do cotidiano dos moradores falantes da língua Kaingang, amigos, familiares e vizinhos. Contudo, devido à pandemia da COVID-19, fomos impossibilitados de ir até a Terra Indígena Apucarantina e realizar a pesquisa planejada.

A coleta de dados ficou, então, restrita, o que nos levou a recorrer, semanalmente, a encontros virtuais via **Meet**, mensagens de texto **via WhatsApp**, bem como a artigos, dissertações e teses que tratam da descrição linguística da língua Kaingang e também a anotações e gravações **in loco** de experiências pessoais, que já são dados do projeto “Gramática, Bilinguismo e Multietnia”, da Universidade Estadual de Londrina, portanto anteriores a esta pesquisa. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 62), “a gravação eletrônica em vídeo ou áudio tem uma grande vantagem na coleta de dados porque permite ao observador ‘revisitar’ os dados muitas vezes para tirar dúvidas e refinar a teoria que está construindo”. Além do mais, foram colhidos exemplos de negação da obra **Brilhos na Floresta**, de Noêmia Ishikawa, obra que retrata uma história baseada em fatos reais, que se passa na floresta amazônica e que, com isso, intenciona à divulgação científica relacionada a fungos bioluminescentes daquela região do país, mas que podem estar presentes nas matas bem próximas de nós. O texto foi traduzido para vários idiomas (japonês, inglês, nheengatu, avá-guarani, yanomami, huarpe, tukano, baniwa, espanhol, francês, guarani, kaingang entre outras línguas indígenas) e se constitui em **corpus** para esta pesquisa a edição na língua Kaingang (Ishikawa **et al.**, 2020), cuja tradução foi feita pela professora mestre Damaris Kanĩnsãnh Felisbino.



Em cada **corpus**, oral ou escrito, tivemos o apoio da tradução, o que facilitou encontrar a negação em Kaingang. Assim, nós nos apoiamos na língua portuguesa para encontrar a negação na língua pesquisada, o que não impede que expressões de negação em Kaingang tenham sido ignoradas. Para que isso não acontecesse, precisaríamos de assessoria que ocuparia ainda mais tempo de um falante bilíngue, o que não foi possível, mas temos ciência dessa necessidade, inclusive para que, numa gramática pedagógica futura, não haja essa lacuna.

De posse das orações contendo elementos negativos ou sentidos de negação, escrevemo-las em itálico; na linha seguinte, alinhando as palavras, fizemos a glosa item a item com base nas regras de glosa de Leipzig (COMRIE; HASPELMATH; BICKEL, 2015); por fim, na terceira linha, consta a tradução frase exemplificada, seguida da descrição da negação encontrada.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Em busca de trabalhos (artigos, dissertações, teses) que tenham trabalhado a negação em Kaingang, encontramos poucas explicações e exemplos, visto que o foco desses trabalhos não era exatamente o tema do nosso.

Assim, Almeida (2008) dá três exemplos com a negação **tũ** nĩ, destacando seu uso com o modo **irrealis**. Domingues e Silveira (2020), afirmam que “No Kaingang, a negação ocorre por meio lexical [...], com o marcador posposto ao verbo” e trazem exemplos com o marcador **tũ** e **tũ nĩ** (este, com base em Almeida (2008)). Entendemos que a expressão de negação não seja **tũ nĩ**, mas somente **tũ**, que, neste caso específico, vem seguido da aspectualização representada por **nĩ** pois se trata de uso com o modo **irrealis**, como havia destacado Almeida. Estes autores mencionaram a negação em seus trabalhos, com dados da Terra Indígena Apucarantina. Ainda Silveira, Oliveira e Rodrigues (2022) mencionaram que **pi**, realizado em terras indígenas Kaingang mais ao sul, é realizado como **pijé** no Apucarantina.

Nascimento (2017), por sua vez, também passa panoramicamente (visto que o tema foi a **evidencialidade**) pela negação e apresenta orações com **tũ** e **pi**. Grande parte dos dados da pesquisa de Nascimento foi feita com a variante da Terra Indígena Nonoai, no Rio Grande do Sul.

Diante desses poucos dados que tínhamos de pesquisas anteriores e sabendo, por contato que temos com o banco de dados do projeto mencionado, que há mais formas de negação não descritas em outros trabalhos, recorremos aos dicionários de Val Floriana (1920) e de Wiesemann (2011) para termos exemplos da expressão de negação em Kaingang e, principalmente, ter acesso ao verbete **não**. Em Val Floriana (1920), no dicionário Português-Kaingang, temos **tôn, piá, pijá; nó; pie, tóg, tót, tó**. Entendemos, pelos exemplos, que **piá, pijá** e **pie** são variantes do que, no Apucarantina, se fala **pijé**; **no** não aparece como verbete no dicionário Kaingang-Português; **tó, tót, tóg** e **tôn** são usadas no Apucarantina como **tũ, tũm, tũg**, como veremos adiante.

Em Wiesemann (2011), por sua vez, temos o verbete **não** traduzido como **tũ** e **vó**. Há, porém, outras traduções para o português que usam **não**, então as consideramos também.

Vejam, assim, cada um dos exemplos que encontramos, com algumas orações do **corpus**.

a) **VÓ**

A negação com **vó** em Kaingang, segundo Wiesemann (2002, p. 168), é utilizada para dar respostas negativas ou para realizar perguntas com alguma palavra negativa na oração. A partícula **vó** na oração representa uma maneira suave, mais educada para responder ou realizar perguntas, como mostram os exemplos que repetimos aqui, bem como os exemplos do nosso **corpus**:

- 1) **Inh mré nĩ fi hã tũ mĩ vó?**
esposa MF não será que não?

“Será que não é minha esposa?”

(Wiesemann, 2011, p. 63)

- 2) “**Ã** mĩ inh mré goj ki m r o - ke mũ?” “**Vó**”
nh
2SG PERG 1SG com rio LOC. em nadar FUT ASP NÃO

“Você vai nadar no rio comigo?” “Não” (Apucarantina, 2021)

- 3) “**Vó** jég tĩg.”
não FUT ir

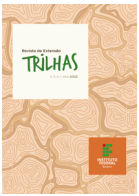
“Tomara que não seja” (Lit. “Tomara que não vá”)

(Wiesemann, 2011, p. 99)

- 4) **Vó** vẽ! 4 e... 4 e ki mẽ mĩ!
20
não ASP 4 e... 4 e em-LOC parecer
20

“Não é isso! Às 4 e... 4 e 20, acho!”

(Apucarantina, 2020)



5) Kÿ ijóg sir... **vó** vê!

então 1SG.POSS-pai daí não ASP

“Então meu pai... não é!”

(Apucarantina, 2020)

b) TŨ, TŪM, TŪG

Nas próximas orações, notamos o uso da negação **tũ** morfológica seguindo o verbo, sua posição canônica. Especificamente há um **há** (traduzido como **bom**) antes de **tũ**, o que faz parecer estarmos diante de uma mudança na posição canônica; porém, dois fatos comprovam que **há** é um verbo nesta ocasião: ele está na posição de verbo (depois do predicativo do sujeito) e vem acompanhado de um marcador de aspecto **nÿtĩ** (que sempre está à direita do verbo, atribuindo-lhe sentido). Assim, a negação **tũ** fica entre os dois.

Prosodicamente falando, **tũ** ganha sempre destaque na oração por ser palavra tônica.

6) Ēg tÿ ěpÿ tá nén vэг mũ kri ã finh ke **tũ** nĩ!

Nós MS roça lá coisa ver ASP em cima 2SG deitar.FUT FUT não ASP

“Você não vai acreditar no que vimos lá na roça!”

7) Ēg mąg **tũ** fi nĩ.

1PL atacar não 3SG.F ASP.

“ E l a não nos atacou”

(Ishikawa, 2020, p. 39)

8) Mě mÿ inh jun **tũ** nĩ. Samano... nÿ hamẽ?

parecer 1SG chegar não ASP s á b a - MS né do

“Parece que eu não cheguei, no sábado...”

(Apucarantina, 2021)



- 9) Tÿ ãjag jagnē kanhkã há **tũ** nÿtĩ é.
EXIST 2PL um ao ou- família bom NEG ASP mais
tro
“Vocês não eram bons irmãos.” (Apucarantina, 2021)

c) **JATŨ**

Sobre o próximo tipo de oração aponta Payne (1997) a negação analítica pode apresentar variações em suas partículas, podendo ter estruturas que são consideradas variantes, mas que expressam negação da mesma maneira; então, na oração 34, percebemos isso acontecer com a língua Kaingang também: **jātũ** indica negação, com o significado de **nunca**, sendo, provavelmente, uma variação de **tũ**, já apresentado nos outros exemplos. A posição canônica continua a mesma: à direita do verbo.

- 10) Tag to inh jykrén **jātũ** jě vĕ
isto em 1SG pensar nunca ASP ASP
“Nunca tinha pensado nisso” (Ishikawa, 2020, p. 23)

d) **KI KAGTĪG**

Nesta oração, percebemos que a é apresentada uma negação morfológica desenvolvida por morfemas que manifestam uma negação oracional estando sempre ligadas ao verbo. Assim a partícula **ki**, compõe-se com **kagtĭg**, denotando a negação do verbo **saber** em Kaingang.

- 11) Ũmm... ver inh ki kagtĭg nĩ.
Hum... ainda eu não sei ASP
“Hum... ainda não sei” (Ishikawa, 2020, p. 23)

e) **NEJÉ**

Nas orações a seguir, observa-se que a negação **nejé** em Kaingang também indica uma variação, se compararmos com os demais exemplos; em português **nejé** significa **de jeito nenhum**, tornando-se uma negação analítica, em que a oração apresenta uma alteração podendo variar por tipo de negação, tipo de frase, tempo verbal, aspecto etc. A forma **nejé** é usada em resposta negativa a uma pergunta.

12) Kỹ isỹ **nejé** sỹ vãnh kãmĩ tĩg mág
“Então 1SG.MS de jeito ne- 1SG.MS floresta em ir grande.”
nhum

mũ ra tag ve jãtũ nĩ nẽ hỹn, kutyg kỹ?
senão DEM ver nunca ASP s e r á provavelmente anoitecer então
que

“Então, por que será que eu não vi isso quando andei outras vezes na floresta à noite?”

(Ishikawa, 2020, p. 22)

13) Ājag tỹ **nejé** jagnẽ mré nãgnã- ke tũ nỹtĩ nẽ?
nh
2PL MS de jeito ne- Um e o com deitar.PL FUT não ASP será que?
nhum outro

“Por que vocês não podem se casar?” (Apucarantina, 2021)

14) Ā ne isĩg ke nẽ ha he vẽ,
2SG MS 1SG.ir FUT o que agora dizer ASP

ã tỹ **nejé** ver kã jẽ nẽ?
2SG MS de jeito ne- ainda em ASP o quê?
nhum

“Você não iria embora? Por que ainda está aqui?” (Apucarantina, 2021)

Para Wiesemann (2002), a expressão *nejé* é utilizada em Kaingang em perguntas e respostas, mas de forma rude, uma forma mais grosseira.

f) PIJÉ

A negação feita com *pijé* também é traduzida como de jeito nenhum, à semelhança de *nejé*. A diferença entre eles é que, enquanto *nejé* é usado em resposta a pergunta feita a algum superior ou em declarações, *pijé* é a negação desvinculada a qualquer resposta.



15) ã pijé tỹ kanhgág jê.
 2sg de jeito ne- MS Kaingang ASP
 nhum

“Você não é Kaingang”

(Apucarantina, 2021)

g) HA

Como já apontado com um exemplo de Wiesemann (2002), temos aqui novamente um exemplo, agora do nosso **corpus**, com o termo **ha**, que é traduzido como **não sei**.

16) He sóg mũ... Nỹ ke to jykrén... samano kã inh... ha?
 ma

Dizer 1sg.ms ASP deixar sobre p e n - sábado loc 1sg não sei
 sar

“Estou dizendo... Deixe-me pensar sobre... No sábado eu... Não sei?”

(Apucarantina, 2021)

h) verbos de sentido negativo

Na sequência, temos sete verbetes referentes a verbos em português acompanhados da negação, mas que não apresentam as negações em Kaingang, como podemos ver na sequência. A negação, em alguns casos, é formada por mais de uma palavra, assim é preciso notar o negrito que deixamos na palavra para facilitar encontrá-la.

NÃO ALCANÇAR, FALTAR

17) **Kākán ke** tóg mũ, ti ry ti,
 faltar ANÁF ASP 3sg lasca 3sg

hã kỹ tóg han kãn tũ n ã
 sir.

por isso ANÁF. fazer terminar não então

“Faltaram lascas, por isso não terminou (a cerca).”

(Wiesemann, 2011, p. 42)

NÃO ALCANÇAR, NÃO PODER

- 18) Isỹ nén ũ mǎn ke ũ **kǎ** sóg **kyn** ké.
- 1SG.MS coisa algum comprar FUT algum 1SG.MS **não alcançar**
- “Não pude comprar uma coisa que queria.” (faltou dinheiro).
(Wiesemann, 2011, p. 41)

NÃO FAÇA DE JEITO NENHUM!

- 19) **Ker** fi venh tǐg **hě'**!
- não 3SG.F visitar ir não
- “Não vá visitá-la de jeito nenhum!”
- (Wiesemann, 2011, p. 45)

NÃO GOSTAR DE

- 20) Ti mỹ tóg **kórég** nĩ.
- 3SG.M para ANÁF feio ASP
- “Ele não gosta disto.”
- (Wiesemann, 2011, p. 63)
- 21) Sỹ ã jé kur mǎn ti mỹ ã **mỹ ũ?**
- 1SG.M 2SG para roupa comprar 3SG para 2SG não gostar
- “Não gostou da roupa que lhe comprei?”
- (Wiesemann, 2011, p. 63)
- 22) Kusa tóg tĩ, kỹ tóg inh **mỹ e** tĩ.
- Frio ANÁF HAB então ANÁF 1SG não gos- HAB
tar
- “Está frio, não gosto do frio.”
- (Wiesemann, 2011, p. 63)

NÃO PODER

23) Ġir ag tóg ver rãnrãj kufy han **vãnh** nýtĩgtĩ.

Criança M.PL MS ainda trabalho pesado fazer **não poder** A S P .
PL.HAB

“As crianças não podem fazer serviço pesado.”

24) ãn si ag vỹ, vĩ ki rãnrán **vãnh** ja nýtĩ

alguém velho MPL MS língua em escrever n ã o termina- ASP.HAB
querer do

“Os antigos não escreviam na nossa língua.” (Wiesemann, 2011, p. 93)

NÃO SABER, RECUSAR, NÃO QUERER

25) Ke **jãvãnh** ti nĩ
fazer não querer 3SG ASP

“Ele não quer fazer.” (Wiesemann, 2011, p. 30)

NÃO SEI

26) Ha' kỹ tóg, sỹ ki kagtĩg tĩ
não sei então ANÁF 1SG não sa- HAB
ber

“Não sei, não fiquei sabendo.” (Wiesemann, 2011, p. 23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TI Apucarantina é o foco do trabalho, e a língua falada ali faz parte do dialeto do Paraná. Na Terra Indígena, os alunos costumam aprender a língua quando estão mais velhos. Assim, a intenção é co-



laborar para a elaboração de uma Gramática Pedagógica para a língua Kaingang, com a intenção de ajudar os professores, visto que os docentes possuem pouco material adequado para trabalhar em sala de aula e passam dificuldades com relação a isso.

A falta dessa gramática dificulta muito o trabalho dos professores e dos alunos indígenas, por não terem como consultar aspectos da língua e também por não terem um aparato para explicar as particularidades da língua. A elaboração de uma gramática para a língua Kaingang torna-se, assim, muito relevante.

Um outro objetivo do trabalho é o aumento das pesquisas indígenas para a população indígena, alunos, moradores e professores, onde pode-se perceber que as pesquisas nesta área são muito baixas, mesmo com o interesse na população em estudar sobre a língua, ainda é muito baixo.

AGRADECIMENTOS

Aos Kaingang.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leriana de. **A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua kaingang:** uma proposta de análise. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do Paradigma Interpretativista. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008. p. 31-40.
- COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Comrie; BICKEL, Balthasar. **The Leipzig Glossing Rules:** Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology; University of Leipzig, 2015. Disponível em: <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- DOMINGUES, Gislaine; SILVEIRA, Marcelo. Os verbos estativos/descriptivos no Kaingang: considerações morfossintáticas e semânticas observadas em sentenças que denotam estado temporário e permanente na língua. In: SILVEIRA, Marcelo; GUERRA, Maria José; SANTOS, Ludoviko C. dos. (Org.). **Macro-Jê:** língua, cultura e reflexões. Londrina: Eduel, 2020. p. 277-290.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax, an introduction.** v.1. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin, 2001.



ISHIKAWA, Noemia Kazue. **Vãnh Kãmi? Grugu**. Tradução de: Damaris Kanĩnsãnh Felisbino: Manaus: Valer; Inpa, 2020. [Título original: *Brilhos na Floresta*].

NASCIMENTO, Márcia. **Evidencialidade em Kaingang**: descrição, processamento e aquisição. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SILVEIRA, Marcelo; OLIVEIRA, Juliana Machado de; RODRIGUES, Lucenilda Maria. As balizas da cosmologia Kaingang e o funcionamento da gramática: concordâncias várias. In: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH, 8., 27-30 set. 2021, Londrina. **Anais** [...]. v. 3. Londrina: Sepech, 2022. p. 265-280.

VAL FLORIANA, Mansueto Barcatta de. Dicionários Kainjgang-Portuguez e Portuguez-Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**, v. 12, p. 1-392, 1920.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. **Dicionário Kaingang-Português**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

WIESEMANN, Ursula. **Dicionário Kaingang-Português**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011.

Recebido em: 15/05/2023

Aprovado em: 22/05/2023

Publicado em: 10/08/2023